



A DESSECAÇÃO DA LAGOA DE ANTELA

Se pudéssemos retroceder no tempo apenas 60 anos e viajássemos de carro em Inverno pelas terras da Límia, caminho de Ginço, assistiríamos a uma espectacular paisagem formada há dezenas de milhões de anos, a partir do Terciário. Aos movimentos tectónicos dessa época devemos serras como a de Sam Mamede ou depressões como a de Maceda. Na Límia, a depressão ficou em Lagoa, umha das maiores da Península Ibérica, posteriormente dessecada para o cultivo da pataca.

OS ESPELHOS DO ARMÁRIO

No nosso apartado de criação temos desta volta a Paula Sanvicente. Ela gosta de dizer que nasceu em Abril do ano 63 do século passado, numha cidade de língua bífida, cheia de mar e vento. Primeiro estudou Filologia Hispânica e depois Filologia Portuguesa, mudando o rumo da sua vontade e mudando até o tamanho do seu olhar.

O FACTOR RELIGIOSO DA LÍNGUA

O factor religioso na língua tem várias formas mas todas estão imbuídas de fé. Segundo o e-Estraviz, fé é crença em algo sem necessidade de que esteja confirmado pola experiência ou pola razão própria. Umha forma de fé é a existência de umha feição de galego a salvo da acção uniformizadora do estado.

A GALIZA NATURAL

Orquídeas selvagens

João Aveledo

"Ao maior dos reis, leve um buquê de orquídeas"

A frase teria sido dita por Belkiss, uma escrava da rainha de Sabá, que aconselhava assim a sua ama sobre o presente a escolher para conquistar o coração do rei Salomão. Na antiga China os seguidores de Confúcio (551-479 a.C.) atribuíam-lhes o carácter *Lán*, que significa beleza, delicadeza, amor, pureza e elegância. E um discípulo de Aristóteles, Theophrastus de Lesbos (370-285 a.C.), mais prosaico, batizou-as de *Orkhis*, literalmente testículos de cão, em referência aos dous tubérculos radicais esféricos próprios das algumas espécies desta família. Foi talvez esta semelhança que, por volta do século I, levou equivocadamente o médico greco-romano Dioscórides a considerar que tinham virtudes afrodisíacas. Darwin viu nelas um grande mistério evolutivo, pois, com efeito, as suas flores são sofisticadíssimas estruturas dirigidas à reprodução sexual, fruto das íntimas relações surgidas no processo de seleção natural en-

tre as orquídeas e os insectos que as polinizam.

Desde tempos imemoriais, as orquídeas têm fascinado sábios e cientistas, no entanto, a sua popularização na Europa só chegaria no século XIX com o cultivo em estufas de espécies provenientes da mata atlântica brasileira, como *Cattleya labiata*. Assim, hoje quando falamos em orquídeas a maioria pensa em selvas exóticas ou no Dia dos Namorados, mas, de fato, poucos sabem da existência de espécies silvestres europeias. Na própria Galiza têm-se identificado umas quarenta espécies desta família. Não demasiadas, é verdade, se as compararmos com as mais de vinte mil que existem em todo o mundo, nomeadamente, com a enorme diversidade existente nas florestas tropicais, onde sobre o tronco de uma única árvore podem viver mais de quarenta espécies diferentes.

Por todo o nosso país podemos encontrar orquídeas, abundando mais em áreas com influência climática mediterrânea ou em terrenos calcários como a Serra do Courel, Vale de Orras, Monforte,

os sistemas dunares litorais ou a confluência dos rios Bibei, Sil e Navea. No Courel, descreveu-se recentemente uma nova espécie, *Dactylorhiza cantabrica*, endémica, quer dizer, exclusiva desta serra. Ai! para quando o Courel parque natural?

Mas as nossas orquídeas estão ameaçadas, seriamente ameaçadas. A maioria das espécies possui populações reduzidas, que, aliás, são muito sensíveis às radicais transformações

As nossas orquídeas estão ameaçadas, seriamente ameaçadas. A maioria das espécies possui populações reduzidas, que, aliás, são muito sensíveis às radicais transformações sofridas nos nossos campos: abandono do meio rural e das atividades tradicionais associadas

sofridas nos nossos campos. Abandono do meio rural e das atividades tradicionais associadas, com a perda da organização em mosaico de bosques, prados e leiras. Práticas agro-pecuárias intensivas, com técnicas de exploração mais agressivas, que empregam um excesso de fertilizantes (as orquídeas costumam viver em meios pobres em nutrientes) e praguicidas (que afetam os insectos que as polinizam, lembremos o seu especializado sistema de polinização). Repovoações florestais com espécies de crescimento rápido, com a consequente desapareção dos bosques autóctones e das comunidades de herbáceas. Urbanizações, passeios marítimos... etc.

Durante muito tempo as orquídeas foram as grandes desconhecidas da nossa flora, mas agora contamos com a ajuda de um magnífico guia de campo, o *Guia das Orquídeas de Galicia*, fruto das investigações dos biólogos Carlos Cortizo e Elvira Sauquillo.

As flores das orquídeas galegas não podem competir em tamanho com as variedades comerciais de origem tropical, mas sem dúvida que o conseguem em formosura. Saíamos ao campo esta primavera e desfrutemos delas... enquanto nos deixam.



No Courel, descreveu-se recentemente uma nova espécie do género *Dactylorhiza*



QUE FOI DE...

A LAGOA DE ANTELA

Alonso Vidal

Se pudéssemos retroceder no tempo apenas 60 anos e viássemos de carro em Inverno pelas terras da Límia, caminho de Ginço, assistiríamos a uma espectacular paisagem formada há dezenas de milhões de anos, a partir do Terciário. Aos movimentos tectónicos dessa época devemos as serras de Sam Mamede ou Queija ou as depressões de Mace-



A Lagoa de Antela desde o Sul-Sueste. Ginzo de Límia no primeiro plano. Reproduzida de Martínez Carneiro, X.L. (1997) *Antela, a memoria asolagada* (Edicións Xerais)

da ou Monte-Rei. Na Límia, a depressão ficou em Lagoa, umha das maiores da Península Ibérica. Umha superfície com mais de 40 km² e profundidades variáveis desde o meio metro até os três nalguns lugares.

Se a viagem anterior fosse feita na época seca, com a calma doutros tempos, talvez poderíamos entrever os tectos dos restos da cidade inundada de Antioquia. A lenda conta que era a cidade mais rica e soberba. Os seus habitantes adoravam o galo e desprezavam e submetiam as gentes do arredor. A ira divina encarregar-se-ia de castigar os seus moradores como acostumava fazer a divindade: Matando-os e afundindo urbe e riquezas numha imensa lagoa. E aí está; e se fizermos caso da lenda, "na madrugada de Sam Joám, quando o primeiro raio de sol relampra na

lagoa, alá abaixo, mui fundo, albisca-se o campanário da igreja. E a noite do Natal, às doce em ponto, ouvem-se cantar os galos".

Para além de lendas de cidades afundidas, o viajero da primeira metade do século passado poderia desfrutar dumha zona mágica e telúrica. Poderíamos imaginar-nos paisagens inverniais doutras latitudes, como as Highlands escocesas, transportados ao que o escritor Rafael Laso denomina trapézio mágico de Antioquia, "que se forma nos seus vértices polas torres de Pena, Sandiás, A Forja e a torre derrubada que devia cair por onde se celebra hoje a romaria da Sainça". Nom é então estranho que, impregnado do contorno de torres e lagoas, o imaginário popular visse exércitos de soldados do rei Artur enmeigados naquela veiga no que simplesmente eram mosquitos cí-nifes que brilhavam.

Um ecossistema único na Galiza

Um emissário de 7 km, conhecido como rio de Antela, desaguava no Límia. Nas estações secas, as águas da Lagoa, que procediam de chuvas e pequenos regatos das montanhas circundantes, escasseavam ficando só alguns pântanos. Abriam-se assim espaços para que, reduzidos os domínios das águas –



Paisagem de névoa e geada no Lugar da Lagoa

choupos, salgueiros, ulmeiras lamacentas e bancos de areia".

Estas características da Lagoa determináram a vontade da sua desapareçom alegando que acarretava impedimentos para os trabalhos agrícolas e perigos para a saúde dos vizinhos. Assim, Pascual Madoz (1850) nom duvida em definir a lagoa como "pestilente charco" e afirmar, no seu Dicionário geográfico-histórico, que "apesar da benignidade do temperamento, a boa qualidade dos alimentos e a robustez dos habitantes unida à sua vida, sóbria e activa, som farto comunis a gota, paralisia, reuma, hidropisia, febres pú-tridas e as intermitentes, as quais adquirem certo grau de malignidade e pertinácia".

O que foi dessa riqueza?

Falam as crónicas de diversas tentativas de dessecação ao longo da história. Os romanos criáram um canal até ao rio Límia para este fim com quase trinta quilómetros, com muros de até dous metros de altura, alguns deles ainda conservados. Conta-se também da realizada no primeiro terço do século XIX pola mal chamada marquesa de Longeville para aproveitar as ancas de rã que abundavam na

As características da Lagoa determináram a vontade da sua desapareçom alegando que acarretava impedimentos para os trabalhos agrícolas e perigos para a saúde dos vizinhos

junqueira da lagoa. Eram extirpadas à França.

Mas a definitiva, a mais agressiva do ponto de vista ambiental, tivo lugar em pleno "desarrollismo" franquista, no ano de 1958. Da dessecação encarregou-se o Instituto Nacional de Colonizaçom com a desculpa de aproveitar as terras para o lavradio e a produçom agrícola industrial. A dessecação produziu-se. Hoje, a Antela é umha lagoa dessecada. Tam dessecada que os cultivos precisam de regadio por nom suportar a sequidom estival e as inundaçons inverniais som fre-

quentes. Neste último inverno, as inundaçons foram tantas que mesmo o aspecto do lugar fazia lembrar a antiga Lagoa.

Na década de 1970, abundavam muitos negócios de extracçons de inertes, areia e grava. Ao serem abandonadas, as escavaçons fõrom cobertas pola água formando umha rede de aquíferos que distintas administraçons tentam proteger, estender e aumentar. Com métodos nem sempre aceitados polas organizaçons ambientalistas, tentou-se um plano global de restauraçom da zona. Parece que estão a voltar as aves migratórias e há umha certa recuperaçom da vida selvagem. Criou-se em Sandiás um centro de interpretaçom da Lagoa de Antela, há apenas dous anos, e tenta-se fomentar o turismo ligado à história, às formas de vida e às lendas do lugar.

Mas hoje no percurso pola estrada a Ginço, já auto-via, só podemos contemplar umha vasta superfície agrícola onde som cultivadas as famosas patacas da região da Límia, ou o milho, dependendo da estação. A grande Lagoa desapareceu; apenas ficou o mito e a saudade.

Para saber mais do tema: www.antela.org



Escavadora no processo de dessecação

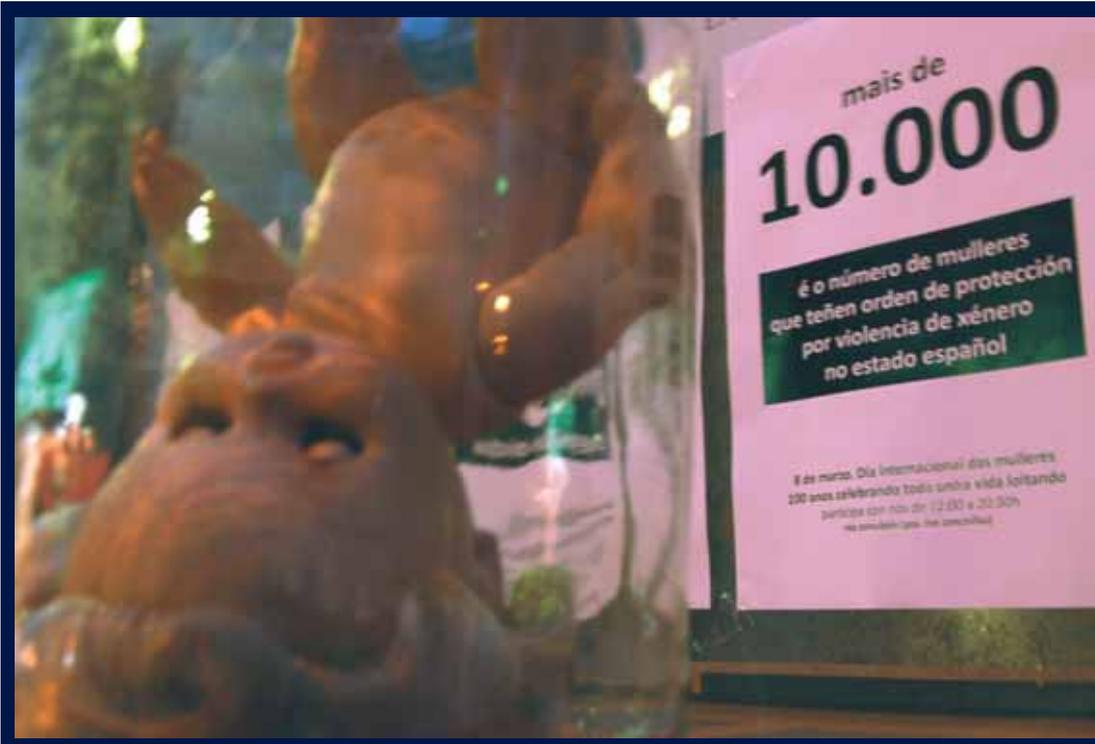


A FOTO

Alicia Pinheiro

Sobram os motivos: as agressões, a violência física e psicológica dos homens contra as mulheres, a invisibilização dessa opressão, a imposição social de roles, as desigualdades no mundo laboral, e um longo etc., ainda mais longo se falamos de casos com nomes e apelidos. Por isso, este ano as mulheres voltamos a sair à rua em todas as cidades galegas. Porque nem ser homem é a "polha" nem ser mulher é um "conhaço".

8 de março,
todas à rua



CRIAÇOM

No pólo oposto das construcións faraónicas vazias de contido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criaçom. No **NOVAS DA GALIZA** pensamos que o verdadeiro

activo cultural do noso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com cada novo número achegamos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Ela di que nasceu no mês de Abril do ano 63 do século passado, numha cidade de língua bífida, cheia de mar e vento. Tentou estudar Filologia Galega, mas o destino brincou com ela e deu em estudar Filologia Hispánica e ainda depois, Filologia Portuguesa, mudando o rumo da sua vontade e mudando até o tamanho do seu olhar. **Paula Sanvicente** nom acredita em sexos literários, nem mesmo em géneros, e é por isso que escreve sem certamente saber se a sua voz tem atributos.



Os espelhos do armário

Aos seus oitenta e oito anos, Miguel Miragaia não conhecera nunca um verão feriado. A sua vida corraera engomada em fato escuro e gravata. Os meses de Julho e Agosto não mudavam no seu gabinete mais que pelas persianas baixadas desde primeiras horas da manhã e pela licença para tirar o casaco e ficar em mangas de camisa.

Miguel Miragaia gostava do mar, mas o seu sentido estrito da responsabilidade e o dever, não lhe concederam senão breves escapadas em tardes de canícula ou nas horas primeiras do domingo. Fora amante do desporto e por isso, e também para garantir a correta educação dos seus filhos, alugava um apartamento perto da costa durante os meses de estio e deixava lá ficar a família enquanto ele ia e vinha de casa ao trabalho sem mudar substancialmente a sua rotina.

- A rotina e o trabalho atrasam a velhice - gostava de pensar e sentenciar diante das crianças que o despediam na porta em fato de banho.

Primeiro aquela guerra e depois a pobreza o condenaram a crescer

e assumir uma seriedade que lhe ficava frouxa no rosto, mas se voltara necessária.

-Um dia vos contarei... - dizia alguma vez com os olhos baixos e o rascunho dum sorriso. Mas nunca contava. Sabiam apenas episódios breves que na família eram lenda: uma pejeja entre homens de machado na mão. O assobio das balas na noite. O dia que a sua mãe falou com o mestre para o tirar da escola porque era preciso trabalhar.

O Miragaia chegou a senhor, a senhor de gabinete e de gravata, de rotina e de



vontade inoxidável. Mas aos seus oitenta e oito anos, o senhor Miragaia não conhecera férias.

Foi então que a sua filha lhe propus passar com ela e os netos uma semana ao pé do mar. Primeiro disse não, mas depois, no silêncio dos seus pequenos almoços, na solidão da sua viuvez recém-desamparado, aceitou a proposta e uma tarde de sábado entrou pela primeira vez no quarto dum hotel. As janelas davam para o mar, a cama era cumprida. O senhor Miragaia parou um instante diante dos enormes espelhos dos armários: levemente escorado e instável, com a velhice a cavalo dos seus ombros vencidos, com calças brancas e camisa azul. A mala, pequena e mole, esperava aos seus pés como um cão adestrado. Ficou parado. Não sabia mexer ali dentro o seu corpo. Não tinha mesmo a certeza de ser ele.

Nesse gole ácido de presente entrou a filha: - Ajudo-te com a mala, pai - E o pai assente pousando a sua vontade ferida nos pés da cama. Ela abriu a saca. A pouco e pouco, e enchendo o silêncio espantado do velho, a mulher foi arrumando a

roupa miúda, as calças, as sandálias, o fato de banho, as cremes para o sol, e até as pílulas em estantes e gavetas. O pai olhava com uma estranha sensação de mãos vazias. Então a filha disse "está pronto" e enquanto o dizia abria um último bolso da mala para a guardar no armário: ainda ficava lá qualquer coisa. Tirou do bolso uma pedra. Olhou bem para ela, surpreendida. Uma pedra. O que ficava lá era uma pedra.

-Olha pai, olha isto, é uma pedra. Há uma pedra na mala... -

Miguel Miragaia então estendeu a mão e sorriu com os olhos. Era uma pedra, sim. Uma pedra plana e polida do tamanho da palma. A medida precisa para colher entre os dedos. Uma pedra amável.

Miguel Miragaia sorriu e colheu nas mãos a pedra polida: -É uma pedra, é. É uma pedra perfeita para brincar mariola - Olharam-se para dentro dos olhos.

Ela agachada no chão e ele sentado nos pés da cama. A pequena pedra a caber nas mãos dele que mantinha no ar o aceno de lançar. No pensamento de ambos, o quadro da mariola, com aquela infância pintada de giz.



Normativa proletária do meu povo

Valentim R. Fagim

Recentemente, nas II Xeiras da Língua, organizadas pelos Comitês em Vigo, apresentei a estratégia luso-brasileira para a língua. Comecei indicando do que nom ia falar: Religiom. Vinha falar de factos, estratégias e tácticas. O que nom foi impedimento para na roda de perguntas aparecer a sacralidade.

O factor religioso na língua tem várias formas mas todas estão imbuídas de FÉ. Segundo o e-estraviz, FÉ é crença em algo sem necessidade de que esteja confirmado pola experiência ou pola razom própria. Umha forma de fé é a existência de umha feiçom de galego a salvo da açom uniformizadora do estado. Ninguém sabe onde está esse oásis mas, nom fai mal, também ninguém trocou con-

versa com o espírito santo e quando vemos umha pomba até duvidamos, será ele?

Um dos subprodutos desta fé é a mística popular. Nom deve ser por acaso que a palavra POVO tenha dous O, para assim podermos encher a boca quando a pronunciamos. As pessoas que mergulham nesta mística som opacas à análise. Os movimentos globais que afectam todas as sociedades ocidentais detenhem-se ao chegar ao seu médúlio particular. Assim sendo, começa umha competiçom para ser popular, nom no sentido dos filmes norte-americanos de adolescentes mas no sentido mais místico. Trata-se de se tornar representante do POVO embora este senhor nom tenha delegado neles. Levado à língua traduzo-se no seu sequestro.

Dizia Pessoa que a fala é democrática e a escrita aristocrática. Pois é. A fala diz-nos onde estamos e a escrita onde queremos estar.



CINEMA PARA PENSAR

Precious

Francesco Traficante

Há vezes em que um filme segue o destino da sua própria história.

Precious, nome tanto do filme como a adolescente da história estavam condenados ao esquecimento. Dirigido polo director afro-americano Lee Daniels, nom fora quem nem sequer de encontrar um distribuidor. Graças às boas críticas após a sua projecçom no Festival de Sundance começou a aparecer nas salas comerciais. Acabou por ter seis nominaçom aos Óscar 2010 e obter duas estatuetas pola melhor actriz secundária e o melhor argumento adaptado, argumento baseado no romance intitulado "Push", escrito por Sapphire.

Conta-nos a história de Precious, umha rapariga de 16 anos que mora em Nova Iorque com os seus pais, num bairro marginal cheio de desemprego, pobreza e drogadiçom. É maltratada pola sua mae, tem já umha filha com síndrome de Down e espera um outro bebé, nos dous casos fruto das violaçom de seu pai. A

partir desta situaçom tam brutal os espectadores acompanhamos Precious num caminho de recuperaçom de umha auto-estima absolutamente inexistente no início da história. Precious é umha pessoa numa tripla situaçom negativa de exclusom social, falta de autonomia e situaçom económica de miséria. O sucesso relativo do final só vem dado polo voluntarismo da professora e só em segundo termo pola contribuiçom da assistente social. Mas nom como fruto de uns serviços sociais comunitários básicos, universais, com estruturas integradas capazes de conformar equipas multidisciplinares, algo inexistente nos Estados Unidos. Contudo, e umha vez conscientes das eivas deste sistema, Precious é um filme altamente exemplarizante de como se pode abrir umha via de esperança, nom só através de subsídios, mas também da formaçom, ajuda e assessoramento a pessoas nesta situaçom de exclusom extrema. Além disto Precious descobre, através desse caminho, que existe gente que nom gosta do McDonalds ou do tele-lixo. Descob-



bre que está cheia de preconceitos fruto do embrutecimento ao que a tinha submetida a sua mae, a qual, além de machucar a sua dignidade com insultos e pancadas diárias e tê-la como criada, encheria a sua cabeça de ideias homófobas. Será entom quando descobre que a primeira pessoa que lhe dá amor de verdade, a sua professora Rain, é homossexual e nom por isso é um monstro, e se dê conta do errada que estava devido aos valores errados inculcados no seu lar. Observa que a professora Rain e a sua parelha tenhem outras inquietudes que lhe servem de modelo de vida para ir além do que o sistema lhe oferece. Contudo, a liçom essencial que podemos extrair é que com justiça social, só garantida num Estado protector forte e umhas pessoas que realmente acreditam no que fã, mesmo umha pessoa com todas as cartas perdedoras no tipo de sociedades em que vivemos, sendo mulher, preta, obesa, pobre, violada polo seu próprio pai e com fortes deficiências educativas, pode encontrar umha saída e umha esperança para a sua vida futura.